

## 7. O dinamismo da estabilidade

Podemos conceber a nossa estabilidade, a nossa vocação à estabilidade monástica, à luz da missão de salvação de Cristo, como o estar de Maria diante da Cruz?

Para São Bento, o que deve nos manter unidos ao mosteiro é essencialmente a preferência de Cristo: "*Christo omnino nihil praeponant* – Não antepõem absolutamente nada a Cristo" (RB 72,11). É perdurando nesta preferência, permanecendo nesta fidelidade, que permitimos que Cristo nos conduza, todos juntos, à vida eterna: "*qui nos pariter ad vitam aeternam perducatur*" (72,12). Na mesma frase, muda o sujeito: se *nós* preferimos absolutamente Cristo a tudo, *Ele* nos conduz a vida eterna. Aderindo a Cristo, aderimos à sua missão de Salvação, que consiste em conduzir toda a humanidade a vida eterna. Para usar uma piada de Dom Jean Leclercq, é como fazer um voto de estabilidade nos aviões. Se fixo o cinto no meu assento, o piloto pode decolar e me levar muito longe...

Se realmente quiser ir longe com Jesus, na sua missão universal, a minha primeira preocupação não deve ser a de correr, mas de parar Nele, de fixar-me Nele. Ele é quem permanece o sujeito do dinamismo de sua missão. É a consciência que tinha São Paulo: podia caminhar na medida em que permanecesse fixo em Cristo, até o ponto de se reconhecer "crucificado" com Ele (cf. Gl 2,19).

Mas São Bento sugere este dinamismo da estabilidade onde fala pela primeira vez da preferência absoluta por Cristo, na enumeração dos instrumentos das boas obras: "Não preferir nada ao amor de Cristo" (RB 4,21). Como com Maria sob a cruz, estar lá no exclusivo amor do Senhor significa preferir o dom da vida de Jesus a tudo, também a si mesmos. A preferência de Jesus é necessariamente a preferência de seu amor, e seu amor é um amor universal, que dá a sua vida pela salvação de todos.

Há outro instrumento das boas obras que expressa este mistério de estabilidade no dinamismo e a irradiação da missão do Salvador: "*In Christi amore pro inimicis orare* – Rezar pelos inimigos no amor de Cristo" (RB 4,72).

Acho que as duas preposições, *in* e *pro*, em e por/pelo, nos oferecem a fórmula sintética do que significa "permanecer na transmissão". A duração, a estabilidade monástica significa permanecer em Cristo, estar Nele, viver Nele, e para exercitar e viver esta estabilidade, nos dão e nos pedem para viver no mosteiro, em comunidade. Mas quem vive "em Cristo" entra imediatamente em sua missão de amor, é tomado pelo dom de sua vida, da sua vida por *nós*, de sua vida por *todos os homens*, todos os pecadores, pelos inimigos. A vida de Cristo, na qual permanecemos, é um *vivere pro*, "viver por/pelos" outros, por todos os outros, incluindo os inimigos.

Pode-se percorrer toda a Regra para descobrir que em todos os aspectos e momentos da vida no mosteiro, é basicamente isto que devemos procurar, pedir, exercitar, experimentar, expressar: *viver em Jesus por todos*.

No fundo, a estabilidade monástica é como um coração que permanece vivo e vivificante apenas na medida em que o movimento de interiorização provoca o da difusão, e o da difusão provoca o da interiorização. No final de um movimento, o outro movimento se torna necessário. O coração não pode apenas se encher de sangue; deve expulsá-lo, propagá-lo no corpo para que possa ser preenchido novamente e manda-lo novamente. E notamos que é no movimento de interiorização que o coração se dilata, e que é no movimento de difusão que o coração se reduz, se comprime.

São João Crisóstomo, em uma de suas Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios, descreve muito claramente a questão de nossa estabilidade e permanência em Cristo:

"Edifiquemos, portanto, sobre este fundamento, permanecendo unidos a Ele como o ramo a videira; nenhum obstáculo se interponha entre nós e Cristo: se algo nos separa dele, imediatamente perecemos. O ramo recebe o próprio alimento do tronco ao qual está unido, assim como um edifício continua a se sustentar até quando permanece compacto; no momento que se dividir internamente, está destinado a cair, sendo privo de qualquer apoio. Portanto, não nos contentemos com uma adesão genérica a Cristo, mas permaneçamos, por assim dizer, colados a Ele, já que no momento em que nos separarmos, estaremos condenados à morte. Está escrito: 'Em verdade, aqueles que se apartam de vós, perecerão' (Sl 72,27)" (8,4).

Na Regra, esta preocupação de total inerência a Cristo, de adesão a Ele sem o mínimo espaço, torna-se ascese de todas as faculdades humanas e em todas as áreas da vida. O espírito, a alma, o corpo; vontade, inteligência, memória; trabalho, descanso; o uso da fala e a observância do silêncio; as relações entre irmãos ou irmãs, com os mais idosos e com os mais jovens... Não há uma dimensão de nossa vida humana e religiosa que não seja, para São Bento, um campo de trabalho para fazer crescer em cada um de nós, uma adesão cada vez maior, cada vez mais próxima a Deus, a Cristo e ao seu amor. Estabilidade é realmente um estar ali para trabalhar na vinha do Senhor, para trabalhar e se tornar ramos unidos à videira de Cristo, para dar muito fruto, o Seu fruto.